

AS FASES DA ESCRITA DA CRIANÇA SEGUNDO EMÍLIA FERREIRO E ANA TEBEROSKY: UMA ANÁLISE DA APLICABILIDADE DA TEORIA

Thamires de Sousa Paiva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: thamires.nbrt@gmail.com

Resumo: O presente artigo trata da alfabetização, enfatiza a análise das hipóteses em relação a escrita de uma criança e objetiva propor uma reflexão acerca da análise do processo de escrita de uma criança na Educação Infantil. Consistindo em um estudo de caso, são apresentados os resultados de uma entrevista realizada com uma criança de cinco anos ainda não alfabetizada, de acordo com os estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), que defendem quatro fases de escrita que a criança passa até que esteja alfabetizada. Para este fim, destaca-se as discussões teóricas mais pertinentes sobre o sistema de escrita, utiliza-se de testes de escrita com a criança em fase de alfabetização e por fim, é feita a avaliação e identificação do nível de escrita em que a criança se encontra no momento, além de contextualizações com a bibliografia anteriormente empregada. Para composição desta pesquisa, utilizamos de recursos semelhantes aos que foram aplicados pelas autoras Ferreiro e Teberosky (1999) em sua pesquisa inicial, sendo estes a “prova do nome próprio” e “quatro palavras e uma frase”. O trabalho está dividido em duas partes, o estudo do referencial teórico, enfatizando a constituição da escrita e uma breve apresentação dos níveis de alfabetização das crianças, em seguida é feita a apresentação dos dados obtidos com o teste e contextualizados conforme o referencial teórico. Com a finalidade de agregar maior fundamentação a nosso estudo empírico, aderimos aos conceitos de autores além de Ferreiro e Teberosky (1999), Ferreiro (2001) que através de reflexões busca compreender esse objeto social complexo que é a escrita, Teberosky e Colomer (2003) apresentando conceitos de como crianças de cinco ou seis anos aprendem a ler e a escrever e de como os indivíduos ao redor intervêm na aprendizagem da leitura e da escrita e Curto, Morillo e Teixidô (2000) contribuindo na ampliação dos conhecimentos dos professores acerca da aprendizagem das crianças em relação a leitura e escrita.

Palavras-chave: Hipóteses da escrita, Alfabetização, Escrita.

Introdução

A criança que está inserida na educação infantil encaminha-se para a aquisição de habilidades que se podem realizar de acordo com seu nível de desenvolvimento, para isso o segmento escolar tem a função de compor instrumentos adequados que possam oferecer do progresso psicomotor ao cognitivo. A escrita está intimamente ligada ao desenvolvimento dessas habilidades, pois gradualmente a criança adquire essa prática, conforme vai expandindo os demais tipos de aprendizados. Segundo Tfouni (2006) a escrita se associa ao desenvolvimento social e cognitivo das crianças que ao processo em que são alfabetizadas fazem uso da leitura e a escrita para a representação

das práticas que compõem seu meio. Analisando a escrita como estágio significativo da aquisição de conhecimentos de mundo e de estratégias características de compreensão do código linguístico, desenvolvemos este estudo a fim de se ater aos aspectos e características da escrita em fase de evolução, sendo observada em crianças.

A criança passa a construir hipóteses em relação à escrita apresentando um desenvolvimento progressivo e atemporal, sendo assim, este artigo propõe uma reflexão acerca de uma atividade de pesquisa realizada no âmbito da disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que consistiu em verificar a hipótese de escrita de uma criança de cinco anos que foi entrevistada, tomando como pressuposto os conceitos de Ferreiro e Teberosky (1999). Para isso, será preciso compreender a bibliografia relacionada ao assunto, apresentar os achados da entrevista e posteriormente contextualizar com foco na atividade realizada.

Este artigo de análise originou-se a partir das discussões ocorridas no quarto período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central, especificamente na disciplina Alfabetização e Letramento, a docente que ministrou a disciplina propôs a construção de um relatório para a avaliação do componente curricular, as entrevistas realizadas para organização de dados do relatório, servem de subsídio para amparar as discussões aqui apresentadas.

Essa produção científica se caracteriza por se revestir de importância para o meio acadêmico, pois de forma geral, desmocha como possibilita contribuir com a formação dos pedagogos em relação a sua visão sobre o processo de alfabetização da criança. Além disso, a pesquisa propicia a popularização do método de ensino aplicado na disciplina de Alfabetização e Letramento, que foi o de permitir aos alunos de Pedagogia do quarto período, colocar em prática a mesma pesquisa desenvolvida pelas autoras Ferreiro e Teberosky (1999), de forma adaptada, isso viabiliza reflexos diretos na formação do pedagogo, já que a Psicogênese da Língua Escrita é uma das obras trabalhadas no curso de Pedagogia que mais subsidia o futuro desempenho do professor alfabetizador, uma vez que, tornou-se possível fomentar as discussões em sala de aula com a análise da realidade e prática. Esse exercício trouxe, para todas as alunas do quarto período, uma compreensão e contato com perspectiva das autoras do livro, já que geralmente os componentes curriculares exploram superficialmente ou limitadamente os conteúdos das obras específicas da área, devido a reduzida carga horária das disciplina e a necessidade de considerar a grande quantidade de conteúdos que são

essenciais.

Metodologia

Entre os métodos que propiciaram para o desenvolvimento desta pesquisa, está a realização de uma entrevista estruturada e de referenciais teóricos como Ferreiro e Teberosky (1999) que tratam dos níveis de evolução da escrita da criança, Ferreiro (2001) que traz conceitos e concepções acerca da escrita, analisando como a criança assimila informações e adquire conhecimentos a partir de textos, Curto, Morillo e Teixidô (2000) que investigam a forma como a criança aprende e como o professor pode fazê-la aprender na concepção da escrita infantil e Teberosky e Colomer (2003) que trata a aprendizagem de leitura e escrita, os níveis de escrita de acordo com o construtivismo.

A entrevista estruturada foi feita de forma individual com Heloísa (nome fictício), consistiu em observar e em seguida analisar a escrita de uma criança em processo de alfabetização. Inicialmente consideramos as atividades de escrita “prova do nome próprio” e “quatro palavras e uma frase”. Essa primeira, se trata de solicitar que a criança escreva o seu próprio nome completo e esta última se constitui em selecionar quatro palavras de mesma categoria semântica obedecendo ao critério de número de sílabas: uma palavra polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e outra monossílaba. Em seguida é solicitado a criança que formule uma frase com uma dessas palavras escolhidas e a escreva.

Resultados e Discussão

Constituição da Escrita: Alfabetização

A partir da necessidade de compreender a relação da criança com o mundo da escrita, foi que se deu início a trajetória do processo da alfabetização escolar no Brasil, seu desenvolvimento e metodologias. Desde então os linguistas se debruçaram neste objeto, a fim de esclarecer os fracassos escolares iniciais na aprendizagem da escrita e a procura de métodos inovadores para contribuir com o processo de aquisição da escrita da criança.

Inicialmente, é essencial apreender os significados da palavra alfabetização, aqui compreendida como o processo de aprendizado do

alfabeto, que se dá progressivamente e de sua utilização como forma de comunicação, sendo o indivíduo capaz de codificar, ler e interpretar. De acordo com Soares (2004, p. 26) o surgimento da palavra alfabetização se deu quando “foi introduzida há pouco menos de duas décadas nas ciências linguísticas, e surgiu da necessidade de configurar e nomear os comportamentos e práticas sociais referentes à leitura e a escrita que ultrapassa o domínio do sistema alfabético e ortográfico”.

Ferreiro e Teberosky (1999) foram grandes contribuidoras para a evolução do estudo da escrita, desenvolveram a teoria da psicogênese da língua escrita das crianças, onde as autoras mostram em sua obra como as crianças constroem diferentes hipóteses sobre a escrita até compreender o processo de alfabetização.

A partir do estudo de Ferreiro e Teberosky (1999) foi possível compreender os níveis de evolução da escrita da criança. É de suma importância que o educador alfabetizador possua conhecimento sobre o nível que a criança se encontra a fim de poder participar ativamente desse processo e levar a criança a considerar suas hipóteses. As autoras apontam como níveis de evolução da escrita da criança, os seguintes: nível pré-silábico, onde as crianças ainda não têm claro a relação entre a escrita e a pronúncia. Essa fase se caracteriza por elas expressarem sua escrita através da produção de desenhos e rabiscos, a criança não desconfia que as letras possam ter algum tipo de relação com os sons da fala. Inclusive, escreve a mesma combinação de letras para palavras diferentes. E como hipótese apresentam a necessidade da utilização de muitas letras para escrever o nome de um objeto grande, e poucas letras para escrever o nome de uma coisa pequena, nomeado como critério qualitativo, além disso, não se pode repetir letras.

No nível silábico a criança dá início ao entendimento de que existe uma relação entre a fala e escrita, percebendo que a representação escrita das palavras corresponde as propriedades sonoras, mas usa a lógica de que cada letra representada é equivalente a uma sílaba oral, usando uma letra para cada sílaba. Nesta hipótese está presente um conflito que possibilitará a passagem para o próximo nível, que é a leitura inviável do que os outros escreve.

O nível silábico-alfabético, se caracteriza por ser uma fase de transição entre o silábico e o alfabético, é uma escrita quase alfabética, onde a criança começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas e para outras permanece no nível silábico. A criança começa a perceber que a sílaba pode ter duas letras e apresenta dificuldades em separar palavras quando escreve frases. É nesse nível que os

adultos acreditam que as crianças estariam “engolindo letras”, entretanto esses “erros” que consideramos que a criança comete enquanto está em fase de alfabetização, na verdade são evoluções de uma escrita que antes ela ainda não estava apta.

Por fim, é no nível alfabético onde a criança passa a compreender a organização e o funcionamento da escrita, já domina a relação que existe entre as letras, sílabas e o som, além disso apresenta dificuldades e problemas ortográficos, visto que nesta fase a criança escreve foneticamente, ou seja, da forma como pronuncia a palavra.

Hipóteses da escrita: um estudo de caso.

De forma a apresentar a entrevistada, elaboramos um breve resumo sobre as características da mesma e da atividade. Heloísa tem cinco anos e está regularmente matriculada em uma escola da rede privada situada na cidade de Mossoró – RN e frequenta a educação infantil desde os dois anos de idade. Foi possível observar, a partir de um breve diálogo com os pais, que a menina tem um desenvolvimento comum e bastante satisfatório para a sua idade. Heloísa sabe escrever seu nome completo em cursiva e bastão, conhece quase todas as letras do alfabeto, e costuma fazer as suas atividades com a ajuda de sua mãe, que dita as letras para que ela componha as palavras e consecutivamente forme frases. A atividade foi realizada na casa da entrevistada a fim de que a mesma permanecesse em um ambiente familiar para que o diálogo fosse algo mais agradável e natural, tudo foi realizado em apenas um dia.

Demos início a entrevista pedindo para que Heloísa escrevesse seu nome completo, e ela o fez corretamente. Em seguida, ela escolheu o tema “festa de aniversário”, o qual subsidiou a atividade “quatro palavras e uma frase”, com isso apresentamos quatro palavras obedecendo ao critério de sílabas para dar início a nossa entrevista: Brigadeiro, bexiga, bolo e flor. Na primeira palavra “brigadeiro” perguntamos quantas letras ela achava que se escrevia, e ela primeiro respondeu “quatro” e depois corrigiu “não, cinco”. Também perguntamos quantas vezes abrimos a boca para falar a palavra e ela nos disse que apenas uma vez. Ao pedirmos para que ela lesse e apontasse ao mesmo tempo, fazia de uma forma como se realmente soubesse ler aquilo que tinha escrito, apesar de ter escrito várias letras. Perguntamos quantas vezes ela abria a boca para falar a palavra “flor” e ela nos disse abria apenas uma vez, se fosse mais de uma vez seria “flor, flor, flor” sendo assim seriam três vezes.

Segundo Ferreiro (2001) a escrita é um sistema de representação ou transcrição da linguagem, entretanto, na entrevista Heloísa mostrou que ainda não conseguia fazer esse tipo de relação por completo. Contudo, enquanto escrevia a palavra “brigadeiro” ela identificou uma das letras que aparece no seu nome “letra ‘d’ de Medeiros” disse a menina. Antes de dar início a escrita da palavra flor, perguntamos qual a primeira letra da palavra, ela falou “n” depois “u” depois “f”, entretanto ela não lembrava como se fazia essa última letra e acabou por escreve-la igual a um “k”.

Ao decorrer da entrevista, foi perceptível que a escrita de Heloísa não se relaciona ao som das letras, algumas vezes ela confundia mas não mostrava relacioná-los. Em momento algum da entrevista a criança se limitou a apenas uma letra para escrever uma palavra inteira, a mesma era aparentava estar ciente de que para formar uma palavra ou frase era necessário no mínimo três letras. Em sua escrita não há interferência do tamanho do objeto, ela escrevia as palavras de forma aleatória, de acordo com o que ela achava que a palavra deveria ter de letras.

Com base nos estudos em Ferreiro e Teberosky (1999), Heloísa se encontra no Nível II, pois ela demonstrava a hipótese central de que “para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes) deve haver uma diferença objetiva nas escritas” (p.189), é visível em suas escritas que todas as palavras possuem grafias variadas. Também nessa hipótese, foi observado na menina que a mesma usa de um número mínimo de caracteres para escrever as palavras: sempre três. E é importante salientar que ela segue a alternância de caracteres e também usa das mesmas letras que seu nome para escrever qualquer palavra. Ainda de acordo com as autoras, isso acontece pois a forma pela qual essas crianças conseguem expressar a diferença de significados é através da variação de posições das letras que elas já possuem conhecimento, portanto quanto mais variação de letras, menos limitada é a disponibilidade de grafismos dessa criança, sendo assim de acordo com as referidas autoras “constitui uma aquisição cognitiva notável” (p.189).

A criança nessa hipótese silábica, segundo as supracitadas autoras não consegue diferenciar o nome genérico ‘mãe’ com o nome próprio da mãe (p. 191), entretanto nesta entrevista, Heloísa mostrou que entendia que eram palavras distintas, portanto escreveu as duas de formas diferentes.

De acordo com Teberosky e Colomer (2003) existem dois princípios organizadores básicos: o princípio de quantidade mínima e o

princípio de variedade interna, de acordo com esses princípios a nossa entrevistada se encontra empiricamente envolvida em ambos, pois a mesma só consegue escrever algumas palavras coerentes através de ditados ou através de leitura visual.

Conclusões

A exploração dos conceitos abarcados na Psicogênese da Língua Escrita, nos trouxe uma interpretação mais ampla do que se pode observar em uma primeira análise, a prática vivenciada a luz das teorias foi o que possibilitou uma melhor apreensão do conhecimento permeado, contribuindo para a prática docente como instrumento de complementação na formação do pedagogo.

Com esse estudo foi atingido os objetivos inicialmente propostos e foi considerado que a criança entrevistada tem um nível de linguagem de acordo com a idade no momento, a sua escrita também supriu as nossas expectativas. Foi perceptível que a mesma se classifica no nível pré- silábico II, a partir da observação de comportamento, tais como conseguir escrever algumas palavras com a ajuda de ditado de letras, a confusão entre as letras ao escrever as palavras, a diferença do total de letras para cada palavra dita por nós, a diferenciação entre gráficos e letras.

Destacamos que para as crianças existem algumas etapas da escrita, sendo essas comuns e consideradas parte do processo de aprendizagem, na qual é considerável dizer que cada criança tem o seu tempo de compreender, sendo assim, entendido o porquê de algumas crianças aprenderem mais rápido que outras.

A entrevista com a criança nos fez perceber que a mesma diferenciava símbolos de letras, e distinguiu o que era para ser lido e o que era para ser apenas visto, dessa forma, uma vez que sabem quais são as marcas gráficas que são para ler, elas elaboram hipóteses sobre a combinação e a distribuição das letras (TEBEROSKY E COLOMER, 2003), porém, isso não quer dizer que a criança nessa fase consiga necessariamente conhecer as letras, mas sim saber que existe uma combinação entre as letras.

Por fim, a experiência nos trouxe um conhecimento de grande valia, pois nos levou a um primeiro contato, relacionando a teoria à prática, visto que para desempenho da nossa futura profissão será necessário compreender as etapas de aprendizagem e, principalmente, da alfabetização.

É importante ressaltar que o tempo de aprendizagem de cada criança deve ser respeitado, esse processo se dá de forma gradativa e não deve ser forçado ou imposto, pois isso pode trazer consequências que não favorecem a aprendizagem.

Portanto, não significa que obtivemos uma conclusão encerrada sobre os estudos a pesquisa continua em sua segunda etapa, aprofundando teoricamente os conceitos, com a inclusão da análise e exploração da leitura da criança, a luz das teorias das teorias de Ferreiro e Teberosky.

Referências

CURTO, Luís Maruny; MORILLO, Maribel Ministral; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e Ler: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler.** Porto Alegre: Artmed, 2000, volume I.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo.** Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999. 304 p.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos.** Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa; **Aprender a ler e a escrever uma proposta construtiva.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época).